Submissão: 07/03/2023
Publicação: 28/08/2023
DOI:

JORNALISMO FEMININO EM DISCURSO: COMO O SUJEITO MULHER AINDA É VISTO NA MÍDIA

FEMALE JOURNALISM IN DISCOURSE:
HOW THE SUBJECT WOMAN IS STILL SEEN IN THE MEDIA

Milena Lemes da Silva[1]
Fábio Lúcio Zanella[2]

Resumo: O artigo analisa como os veículos segmentados de jornalismo feminino e feminista produzem os efeitos de sentido por meio das matérias para as leitoras da atualidade, especificamente os discursos para as mulheres que são mães, com base na Análise do Discurso de linha francesa, estruturada por Michel Pêcheux. As materialidades discursivas analisadas falam sobre maternidade e foram retiradas das revistas on-line Vogue e AzMina. Todas as matérias analisadas foram produzidas em um período inferior a um ano. Para realizar as análises das sequências discursivas, foram utilizados os conceitos de imaginário, Formação Discursiva e Formação Ideológica. Para se chegar a um resultado, foram resgatadas formações discursivas históricas, ditadas a partir do século XVIII na Europa e reproduzidas no ocidente, que colocaram as mulheres como as responsáveis pela vida doméstica, enquanto os homens saem para ter uma vida pública e prover o sustento do lar. A principal conclusão que se pode chegar por meio deste artigo é que os veículos de comunicação especializados ainda disseminam, inconscientemente, os discursos machista e patriarcal.

Palavras-chave: Jornalismo; Mulheres; Feminino; Ideologia; Mãe.

Abstract: The article analyzes how the segmented vehicles of female and feminist journalism produce the effects of meaning through the articles for today's readers, specifically the speeches for women who are mothers, based on the Discourse Analysis of French line, structured by Michel Pêcheux. The discursive materialities analyzed talk about motherhood and were taken from the online magazines Vogue and AzMina. All the materials analyzed were produced in less than a year. To carry out the analysis of the discursive sequences, the concepts of imaginary, Discursive Formation and Ideological Formation were used. To reach a result, historical discursive formations, dictated from the 18th century in Europe and reproduced in the West, were rescued, which placed women as responsible for domestic life, while men go out to have a public life and provide for themselves home. The main conclusion that can be reached through this article is that the specialized media still unconsciously disseminate the macho and patriarchal discourses.

Keywords: Journalism; Women; Feminine; Ideology; Mom.

[1] Jornalista (UNIVEL). E-mail: <mile.lemess@gmail.com>.
[2] Mestre em Letras: Linguagem e Sociedade (UNIOESTE). Professor do Centro Universitário UNIVEL. E-mail: <fabioluciozanella@gmail.com>.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca analisar como o jornalismo segmentado feminino e feminista foi modificado com o passar dos anos, por conta do público que o consome e por conta das novas formas de transmitir as informações com o advento da internet. No Brasil, a internet chegou em 1980. Mesmo ano em que se inicia a geração e se estendeu até o ano de 1995. Já as mulheres que fazem parte da geração Z nasceram entre os anos de 1995 a 2010.

Kehl (2008) analisa a ideologia da sociedade sobre as mulheres durante e após a Revolução Francesa e como o comportamento delas foi se modificando com o passar dos anos. Antes, o modelo social em que as mulheres estavam inseridas determinava que elas apenas tivessem filhos e cuidassem da vida doméstica. Porém, elas fizeram uma ruptura com a ideologia da época que acarretou em deslocamentos na vida pública e privada. Então, a figura ideológica das mulheres na sociedade foi sendo ressignificada.

Por conta da passagem dos anos e da modificação do papel da mulher na sociedade, o objetivo deste artigo é analisar discursivamente as reportagens publicadas nas revistas femininas on-line AzMina e Vogue percebendo o imaginário sobre o papel social da mãe e da mulher que é constituído ideologicamente. Para isso, foram selecionadas, como materialidades discursivas, matérias que falam sobre a maternidade. As análises serão realizadas com base na Análise do Discurso de orientação francesa sistematizada por Michel Pêcheux. O critério de seleção para as revistas é a visibilidade que elas possuem. Também será analisado se esta modificação do papel da mulher impactou de alguma forma os veículos de jornalismo feminista e feminino e a maneira como eles produzem as matérias.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como encaminhamento metodológico, pretende-se discutir, por meio da Análise do Discurso de linha francesa de Michel Pêcheux, como a mudança do papel da mulher na sociedade durante os anos foi representada nas revistas de jornalismo feminino e feminista, Vogue e AzMina, respectivamente. As matérias analisadas têm em comum o tema maternidade.

A matéria da revista Vogue tem o seguinte título: "Oi mães, tá cansativo né?': Fernanda Rodrigues desabafa em post sobre a maternidade durante quarentena[3]". Já as matérias da revista AzMina foram intituladas: “Educação de filhos em casa tende a ser mais uma tarefa não remunerada para as mulheres” e “Coronavírus mostra que trabalhar de casa com filhos não é um sonho”.

Todas as matérias escolhidas trazem o ideal de que as mulheres são as responsáveis pela criação dos filhos e o critério de seleção para as matérias que serão analisadas ocorreu porque os objetos de estudo evidenciam as questões fisiológicas das mulheres, ou seja, que são capazes gerar vidas e, também, por conta de questões ideológicas, de que as mulheres nascem para serem mães. Além disso, as matérias que serão analisadas foram produzidas no período de julho de 2019 a abril de 2020, ou seja, em um período inferior a um ano, logo, são recentes.

---

[3] Trata-se de um período de isolamento social decretado pelo governo em razão da pandemia do Coronavírus (Covid-19), suspendendo atividades nas quais haja aglomeração para evitar a disseminação do vírus, mantendo os serviços essenciais. Com isso, muitas atividades passaram a ser realizadas via home office. <https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/03/13/interna_nacional, 1128662/coronavirus-qual-e-a-diferenca-entre-isolamento-e-quarentena.shtml>.

O corpus de estudo será analisado doravante considerando os conceitos de imaginário, ideologia, Formação Ideológica e Formação Discursiva a partir da perspectiva da AD.

Já o critério de seleção para as revistas é a visibilidade que elas possuem. Por ser um veículo on-line, entende-se que a revista AzMina tem visibilidade nacional. O Instagram possui 73,4 mil seguidores. Além disso, a revista já desenvolveu e ainda desenvolve campanhas que apoiam o feminismo, uma delas chamada #VamosMudarosNumeros, feita em 2017 com o time Cruzeiro, falando sobre a desigualdade enfrentada pelas mulheres. No ano, os jogadores entraram em campo durante a Copa do Brasil vestindo as camisetas com os números que representavam dados sobre feminicídio, desigualdade nos postos de trabalho.

Já a revista Vogue também tem visibilidade nacional, ao todo, 2,5 milhões de pessoas seguem a revista no Instagram. A diferença entre os números pode ser explicada pela idade das revistas. Enquanto a Vogue passou a ser publicada em 1892 nos Estados Unidos e em 1975 no Brasil, a revista AzMina surgiu em 2015.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria da Análise do Discurso (AD) desenvolvida por Michel Pêcheux é uma junção de três grandes teorias: a linguística estrutural de Ferdinand Saussure, o materialismo histórico de Louis Althusser que fala sobre os conceitos de ideologia, e a psicanálise de Jacques Lacan que trata sobre o sujeito.

Lacan considera que a fala é o objeto de interesse dos psicanalistas e também é ela que interessa para a AD, além do falante (Souza, 2011, p. 13). Os termos apresentados anteriormente são chamados por Pêcheux de tríplice aliança, pois, deve-se considerá-los como base para trabalhar e refletir a AD.

> Com esses ingredientes, Michel Pêcheux encontra um jeito de introduzir a noção de ideologia como um mecanismo de constituição do sujeito no discurso. [...]. Mas a maneira com que Pêcheux recorre ao conceito leva a compreender que o que torna possível que o sujeito fale como se fosse a origem de si e do sentido do que diz é o esquecimento (Souza, 2011, p. 46).

Pêcheux trabalha com dois esquecimentos, porém, fazendo uma relação com a ideologia, aqui será apresentado o esquecimento número um. De acordo com Orlandi, o esquecimento persiste do inconsciente e resulta no modo como a ideologia afeta os sujeitos: “Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes”, (2007, p. 34). Ou seja, ainda que não seja a vontade do sujeito, ele está atravessado por ideologias.

Segundo Orlandi (2007, p. 15), como o próprio nome sugere, a Análise do Discurso trata sobre o discurso, sobre a ideia de percurso, de movimento “[...] com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Portanto, a máxima em AD é entender a língua fazendo sentido para determinado sujeito, considerando sua história.

Um dos conceitos vistos em AD é que a mesma palavra pode gerar efeitos de sentido diferentes entre os interlocutores, ou seja, se torna um discurso diferente. Isso ocorre porque cada sujeito possui uma formação ideológica que é percebida no respectivo discurso.

> [...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]. Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente) determinada de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação (Pêcheux, 2008, p. 53).

Além disso, Orlandi (2007) apresenta que não há linearidade quando duas ou mais pessoas estão conversando, pois, os interlocutores realizam o processo de significação juntos.

> Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. [...]. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na ideia de comunicação. A linguagem serve para comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre locutores (Orlandi, 2007, p. 21).

O mesmo pode ser visto em Pêcheux:

> Nesses espaços discursivos [...] supõe-se que todo sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação: essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo (tal que este universo é tomado discursivamente nesses espaços) (Pêcheux, 2008, p. 31).

Ou seja, para o sujeito, aquilo que ele fala é correto, pois ele é atravessado por ideologias que produzem um efeito de evidência na maneira como ele enxerga os mais diversos acontecimentos.

Não é possível estar fora das formações ideológicas, pois, mesmo que não seja vontade do sujeito, ele está atravessado por ideologias, assimiladas por ele durante toda a vida. Orlandi (2007) explica como se constitui a formação discursiva: “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (2007, p.43).

Pêcheux explica que o discurso tem potencial para modificar o ambiente em que o sujeito está inserido

> [...] todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há uma identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo [...] (Pêcheux, 2008, p. 57).

Na SD1, é possível perceber a formação ideológica histórica de que a mãe que deseja trabalhar deve apresentar bons resultados no trabalho – mesmo que ela seja empreendedora –, pois, do contrário, o ideal é apenas focar na educação dos filhos.

> **SD1.** A mulher chega ao fim do dia exausta e ainda tem que produzir e ser criativa e atender bem seus clientes? Aí bate a culpa, a sensação de incompetência, a frustração, a raiva e a sensação de estar fazendo tudo errado o que a faz ficar ainda mais nervosa durante o dia com as crianças – que costumam devolver com mais bagunça e estresse (Leite, 2020).

É possível perceber nessa SD que a ideia de que a mulher precisa ser multifunções (mãe, profissional) está enraizada nas mulheres, porque elas receberam essa formação ideológica. Logo, a própria mulher produz o imaginário de que deve realizar todas as tarefas diárias com maestria, porque, se ela não o fizer, uma parte de suas funções não será cumprida.

> Historicamente, o papel da maternidade sempre foi construído como o ideal máximo da mulher, caminho da plenitude e realização da feminilidade, associado a um sentido de renúncia e sacrifícios prazerosos. No final do século XVIII, e principalmente no século XIX, [...], a mulher aceitou o papel de boa mãe, dedicada em tempo integral, responsável pelo espaço privado, privilegiadamente representado pela família (Braga, Amazonas *apud* Borsa, Feil, 2008, p. 5).

Ainda que os sujeitos sejam interpelados por formações ideológicas, as formações discursivas não são homogêneas.

> Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Depende de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. No entanto, é preciso não pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente. Elas são construídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações (Orlandi, 2007, p. 44).

Um exemplo pode ser visto na SD2:

> **SD2.** [...] Jennifer participou de reuniões semanais de uma associação de pais que ensinam os filhos em casa, além de acompanhar a rotina de 20 mulheres. Entre mais de 600 famílias da associação, as mães eram maioria entre as representantes por serem as mais propensas a assumir o papel de educadoras. E a divisão destes papéis frequentemente levam muitas delas à exaustão física, emocional e mental conhecida como Síndrome de *Burnout*, resultado do acúmulo excessivo de funções em situação de trabalhos que são emocionalmente estressantes (Damasceno, 2019).

O trecho foi retirado de uma matéria produzida pela revista AzMina e mostra que, ainda que a mulher da atualidade tenha o direito de trabalhar fora e desenvolver outras funções – que não cuidar do lar e dos filhos – a formação ideológica de que a função primária de zelo dos filhos é da mulher ainda está presente no século XXI.

Portanto, o discurso apresentado na matéria remota às memórias do passado, do discurso patriarcal.

Seguindo nesta linha de pensamento, que as formações discursivas são fluidas, Kehl diz que por conta da Revolução Francesa, as mulheres saíram da propriedade privada, para a vida pública. “Em meio a estes intensos deslocamentos entre a esfera pública e a privada, as mulheres deixaram seus antigos postos [...] e saíram às ruas, organizadas ou não, com tanta sede de participação cívica e desobediência revolucionária [...]” (Kehl, 2008, p. 50).

Ou seja, com o passar dos anos, a formação ideológica a qual as mulheres estavam inseridas passou por um processo de transformação e ainda passa. Orlandi aponta que uma das funções da AD é ressignificar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem (2007, p. 45). Essa ressignificação sobre o feminino pode ser percebida no recorte feito por Mazzardo (2020) quando fala como foi o início do voto feminino no Brasil:

> [...] Não obstante, as mulheres seguiram com sua bandeira, conquistaram o voto e a família continua. Sob essa ampla moldura, reconhece-se que as mulheres, mesmo com percalços e desvios, esculpiram um caminho sem volta, ultrapassando muitas das barreiras fortemente sobrepostas pelos homens, infligidas culturalmente. Na visão de Scott (2013, p. 15), há muito tempo as mulheres deixaram de ser identificadas tão somente como “filha, esposa ou mãe”, desempenhando hoje funções nunca imaginadas pelas gerações anteriores, trazendo consigo o bastião das grandes mutações operadas nas famílias (Mazzardo, 2020, p. 8).

Além disso, a ideologia é percebida conforme a posição-sujeito mulher que trabalha, é mãe e exerce múltiplas funções.

> A ideologia [...] não é vista como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade. [...] Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. E como não há uma relação termo a termo entre linguagem/mundo/pensamento essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário (Orlandi, 2007, p. 48).

Em resumo, o imaginário é como uma pessoa em sua posição, por exemplo, uma editora de revista feminina, percebe a leitora dessa revista. Essas percepções também não deixam de lado a ideologia. Por isso, Orlandi relaciona os dois na citação anterior. Além disso, Souza define o imaginário como “[...] mediante o conceito de imaginário, observam-se os modos de dizer que não podem ser formulados diferentemente” (Souza, 2011, p. 94).

Ou seja, forma-se um discurso com base em algo dito por uma determinada comunidade e essa ideia é reproduzida por diferentes pessoas, de maneira igual, durante muito tempo.

Por hora, outro conceito importante e também aqui abordado é o sujeito. Orlandi explica que o sujeito é clivado: “[...] ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas[...]” (Orlandi, 2007, p. 49). Portanto, um mesmo sujeito é visto de diferentes

maneiras, pois, ele muda conforme a esfera social em que está inserido. No caso das matérias, a mulher é representada como mãe e como profissional.

Ainda de acordo com Orlandi, em AD, todos são sujeitos e não há ninguém fora da ideologia. Então, estão sujeitos a absorver aquilo que encontram no ambiente em que estão inseridos. Para Orlandi, o sujeito da modernidade é contraditório, pois, é livre e submisso. (Orlandi, 2007, p. 50).

Tomando o sujeito mulher como exemplo, as mulheres são livres para votarem e tomarem as próprias decisões, entretanto, ainda são submissas a ideia de que, por serem delicadas e amorosas, possuem a obrigação de ter filhos e serem as maiores responsáveis pela educação deles. Como pode ser visto na SD3:

> **SD3.** O que me preocupava era estar perdendo a mim mesma. Desisti da minha carreira e dos meus hobbies quando as crianças eram muito novas. Dei a eles todo o meu tempo e a minha energia, conta a norte-americana Laura Sowdon, 40 anos. Ela e o marido optaram por educar os filhos Mya, Ian e Anna em casa. Enquanto o marido Richard Sowdon trabalha como gerente de finanças no serviço postal, Laura assume o papel de mãe, professora e dona de casa diariamente (Damasceno, 2019).

Na SD3, fica claro como o papel da mulher e do homem ainda são vistos na sociedade, já que, enquanto o homem tem uma vida pública, a mulher tem uma vida privada. Tal qual acontecia desde antes da Revolução Francesa e apresentado por Kehl.

4 JORNALISMO SEGMENTADO: O JORNALISMO FEMININO

O jornalismo segmentado é um modelo mais visto em revistas do que em outros meios de comunicação, pois dentro do jornalismo diário, factual, não há tempo para buscar matérias mais aprofundadas e que sejam direcionadas apenas para um público específico. Fernandes (2017, p. 21) explica que a vertente atua de “forma contrária à cobertura geral dos fatos”.

Para a autora, existem três formas de trabalhar o jornalismo especializado: em uma editoria dentro de um veículo que trate também de outros assuntos, em um veículo totalmente especializado, e feito por colunistas, que nem sempre são formados em jornalismo, mas, possuem conhecimento no assunto, como um médico.

Jornalista ou não, o profissional que escreve sobre um tema específico precisa ter muito conhecimento sobre o assunto, porém, é necessário atentar-se para outras questões, como explica Fernandes

> [...] a especialização jornalística não se resume a abordar um tema específico, referindo-se também à forma qualificada como lida com ele. As fontes utilizadas para a elaboração das matérias precisam dominar os assuntos em questão e o discurso deve ser apropriado ao público, que quer receber informações mais aprofundadas que as fornecidas pelo noticiário geral (Bueno *apud* Fernandes, 2017, p. 23).

No Brasil, o primeiro periódico feminino foi o Espelho Diamantino, lançado no Rio de Janeiro em 1827 e que tratava sobre política, literatura, arte e moda. Entretanto, somente em 1950 foi que o jornalismo feminino se consolidou da maneira como ainda é tratado atualmente e que falava sobre questões ideologicamente ligadas às

mulheres como moda, beleza, educação dos filhos, sexo, carreira profissional e saúde (Bandeira, 2015, p. 1-2).

Segundo Fernandes, a segmentação do jornalismo por perfil de renda, interesses, gênero, etc., foi “emprestada” da área do marketing, pois, as empresas de jornalismo sentiram a necessidade de alcançar audiência e fazer com que as pessoas consumissem os produtos anunciados por elas (2017, p. 28). Ou seja, é mais fácil saber o que escrever, produzir e vender quando o consumidor final é bem definido, especialmente para o público feminino atual.

Bandeira (2015, p. 5) diz que o jornalismo feminista é uma extensão do feminismo:

> [...] Além de um movimento político organizado, o feminismo revelou-se e disseminou-se em diferentes meios, através dos quais as mulheres passaram a buscar uma reavaliação das relações interpessoais, nas quais o feminino não viesse atrelado a uma condição de menores, de desvalorização (Alves, Pitanguy *apud* Bandeira, 2015, p. 5).

Ou seja, as mulheres passaram a buscar uma nova de identificação ideológica. Isso ocorreu especialmente entre os anos 1940 e 1950, quando o movimento feminista ganhou força no Brasil com dois grandes objetivos: conquistar liberdades individuais e igualdade de gênero e também reduzir problemas de toda a população, como desigualdade social (Reis, 2019, p. 35).

5 A MATERNIDADE EM DISCURSO

Uma das motivações para este artigo foi a observação das mudanças na forma em que os veículos de jornalismo feminino passaram a tratar as matérias para suas leitoras. Antes, a produção era preocupada em falar sobre estética e como manter-se bela mesmo cuidando dos filhos (entre outros temas) agora preocupa-se também em falar sobre como é comum que mulheres, assim como os homens, sintam-se esgotadas ao cuidar dos filhos, conciliar a vida profissional e manter uma rotina de autocuidados. Um exemplo pode ser visto na SD4:

> **SD4.** Oi mães, tá cansativo né? Estamos juntas! Toda vez que eu penso em dar um ataque ou vou dar aquela choradinha escondida no banheiro, eu penso: Estamos juntas! (Vogue, 2020).

A sequência foi retirada de uma matéria produzida pela revista Vogue Brasil, em que a atriz Fernanda Rodrigues faz um desabafo sobre a maternidade real em tempos de quarentena. O trecho analisado remete o discurso de feminilidade formado pela cultura europeia nos séculos XVIII e XIX, que diz que as mulheres nasceram para realizar aquilo que sua natureza fisiológica determina: serem mães e, que, por conta dessa única função, precisam sempre manterem uma postura de força (Kehl, 2008, p. 48).

> [...] atribui-se às mulheres um pendor definido para ocupar um único lugar social – a família e o espaço doméstico –, a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade. A fim de melhor corresponder ao que se espera delas (que é, ao mesmo tempo, sua única vocação natural), pede-se que ostentem as virtudes próprias da feminilidade: o recato, a docilidade, uma receptividade passiva em

> relação aos desejos e necessidades dos homens e, a seguir, dos filhos (Kehl, 2008, p. 48).

A história mostra que a mulher que se torna mãe alcança o topo da feminilidade (Borsa, Feil, 2008, p. 4). Entretanto, o trecho analisado descontrói a formação ideológica de que a mulher, enquanto mãe, é inabalável, dedicada em tempo integral aos filhos e responsável pela vida doméstica.

Ainda citando as autoras, na família contemporânea não há espaço para vincular os papéis dos homens e das mulheres à identidade sexual: “Atribuir à mulher o papel de cuidar do lar e ao homem o de prover o sustento da família não é só um modelo arcaico que remonta às origens do processo civilizatório como soa hoje em dia um estereotipo tangenciando o ridículo” (Osório *apud* Borsa, Feil, 2008, p. 6).

Retomando ao jornalismo feminino, não seria viável para os veículos de imprensa segmentados ao assunto não acompanharem a evolução, pois, se a posição-sujeito da leitora e as formações ideológicas sociais mudam, os seus interesses também são modificados, são ressignificados. Apesar de ainda tratar sobre assuntos como moda, beleza, saúde, educação dos filhos e sexo, a forma como as matérias são escritas é diferente, pois é preciso buscar outra abordagem para falar com as mulheres.

Por exemplo, por conta das duas Grandes Guerras, as mulheres passaram a cuidar dos negócios da família enquanto os homens estavam nas batalhas, ou seja, começaram a ocupar os postos de trabalho. Além disso, com o advento da Revolução Industrial as mulheres trabalhavam nas fábricas, operando as máquinas. Entretanto, trabalhar fora não reduz a jornada dupla das mulheres, que inclui cuidar da casa, do marido e dos filhos (Ost, 2009). Isso ainda ocorre, por conta da memória que se tem do discurso patriarcal de que as mulheres são as responsáveis pela vida doméstica.

Logo, o assunto (trabalho) vira pauta nas redações de jornalismo. A matéria produzida pela revista AzMina, que fala sobre a relação das mulheres com o home office em período de quarentena e com o cuidado dos filhos, ilustra a SD5:

> **SD5.** O home office com filhos, na minha experiência atendendo mães, especialmente as empreendedoras, é uma das maiores fontes de frustração e culpa quando se deparam com as dificuldades concretas de se trabalhar em casa com crianças (Leite, 2020).

A SD5 rompe o imaginário criado historicamente pela sociedade patriarcal de que a mulher é uma super-heroína e que consegue lidar com as diferentes situações relacionadas ao lar. A mesma formação discursiva pode ser vista na SD6:

> **SD6.** Muitas mulheres (grávidas) chegam a mim com o desejo de empreender, crentes de que terão mais tempo com seus filhos trabalhando de casa, sem gastar com babá ou escola. Imaginam que farão isso enquanto as crianças placidamente brincam de Lego. Por outro lado, quem já tem filho(s) costuma cair no conto de que basta trabalhar quando eles dormirem (Leite, 2020).

Ambas as sequências discursivas retomam o discurso, ainda visto hoje, de que as mulheres são virtuosas e, que, independentemente da situação, precisam ter tempo para os filhos. Isso pode ser percebido na fala das próprias mulheres, pois elas possuem uma formação discursiva destinada a imaginar que conseguem abraçar todas essas funções, já que a própria bíblia traz a ideia de que a mulher é incansável.

> Busca lã e linho, e trabalha de boa vontade com suas mãos. Como o navio mercante, ela traz de longe o seu pão. Levanta-se, mesmo à noite, para dar de comer aos da casa, e distribuir as tarefas das servas. [...]. Vê que é boa a sua mercadoria; e a sua lâmpada não se apaga de noite (Bíblia, 2004, p. 872, Pv 31:13-15,18).

Na citação anterior é percebido que, conforme a Formação Discursiva religiosa cristã, a responsabilidade da mulher é alimentar o marido e os filhos, ao trazer o pão, e estar sempre disponível para a família, pois se sua lâmpada não se apaga à noite, a mulher tem a obrigação de estar de pé quando alguém necessitar.

Por isso, é percebido nas SD5 e SD6 o discurso da frustração, pois ao não conseguir realizar uma atividade ideologicamente atrelada à mulher por sua natureza, rompe-se uma expectativa.

Um dos trechos da SD6 diz que “por outro lado, quem já tem filho(s) costuma cair no conto de que basta trabalhar quando eles dormirem”. Ou seja, reforça novamente o discurso bíblico de que a mulher não precisa descansar, porque enquanto os filhos dormem, ela deve retornar ao trabalho.

Além disso, a figura do pai não é citada nas sequências analisadas, dando força mais uma vez para o discurso de que o homem é o responsável por prover o lar financeiramente e a mulher, ainda que queira trabalhar fora, deve cuidar dos filhos.

> A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem. A socialização dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída as mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha uma função remunerada fora do lar, continua a ser responsabilizada pela tarefa de preparar as gerações mais jovens para a vida adulta (Saffioti, 1987, p. 8).

Outra memória que reforça o discurso de que as mulheres são responsáveis pela vida doméstica é a educação ofertada para homens e mulheres no século XIX, em que as mulheres aprendiam a bordar, a ser mãe e a ser uma boa dona de casa. (Barion, et al, p. 17).

> No século XIX, a legislação previa escolas para meninas, entretanto, a população feminina era marginalizada no precário sistema escolar do Império, situação que se arrastava desde o período colonial. ‘[...] Nas camadas populares, obviamente nem se cogitava da sua instrução, ao passo que, nas camadas superior e média, elas recebiam em graus variados uma educação doméstica’ (Xavier *apud* Barion et al, p. 17).

Portanto, a sociedade brasileira vive em uma longa e duradoura formação ideológica de que a mulher deve ser ensinada a cuidar do lar. Ainda neste século é possível encontrar, não dificilmente, esse discurso. Um exemplo pode ser visto na SD7

> **SD7.** Como consequência de ser a responsável pela educação dos dois filhos, a norte-americana Leanna (o estudo preservou o sobrenome das participantes) foi uma das mães que chegaram a este nível de esgotamento. Além de assumir o papel de professora, os

> cuidados com a casa ficavam inteiramente nas suas mãos devido ao trabalho em tempo integral do marido. A certeza de que estava fazendo a vontade de Deus a fez continuar independente da exaustão, “Sentimos que isso é o que Deus quer que façamos com os nossos filhos”, contou à pesquisadora (Damasceno, 2019).

Além de reforçar o discurso bíblico, a SD7 também apresenta o discurso de que a mulher é submissa ao homem, pois, enquanto o marido sai para trabalhar, a responsabilidade por educar os filhos em casa é da mulher.

Ao falar sobre os inconscientes do homem e da mulher, Saffioti (2004, p. 36), explica que ideologicamente o homem é incentivado a assumir posições de poder, que envolvem o trabalho fora de casa.

> Segundo Jung (1992), tanto homens quanto mulheres são dotados de *animus* e *anima*, sendo o primeiro o princípio masculino e a segunda, o princípio feminino. [...] a sociedade estimula o homem a desenvolver seu *animus*, desencorajando-o a desenvolver seu *anima*, procedendo de maneira exatamente inversa com a mulher. [...]. Sendo o núcleo central de *animus* o poder, tem-se, no terreno político, homens aptos ao seu desempenho, e mulheres não-treinadas para exercê-lo. Ou seja, o patriarcado, quando se trata da coletividade, apoia-se neste desequilíbrio resultante de um desenvolvimento desigual de *animus* e de *anima* e, simultaneamente, o produz (Jung *apud* Saffioti, 2004, p. 36-37).

Ou seja, ainda que atualmente as mulheres tenham a mesma educação escolar que os homens, o discurso de que o sexo feminino deve se privar de funções públicas, por ser o sexo frágil, delicado e sensível, continua sendo disseminado e exposto nas matérias jornalísticas de veículos segmentados ao tema.

O mesmo discurso pode ser visto na SD8:

> **SD8**. A pesquisadora observa que mulheres que possuem expectativas de relações igualitárias são propensas a estar menos satisfeitas com o mesmo suporte dos maridos do que mães que não esperam equidade (Damasceno, 2020).

Além de entender, por conta de memórias ideológicas, que os homens devem estar à frente do lar, a formação imaginária das mulheres as impede, inconscientemente, de gerar esperanças quanto à colaboração paterna na educação direta dos filhos.

No trecho da SD8: “mulheres que possuem expectativas de relações igualitárias são propensas a estar menos satisfeitas”, exemplifica muito bem a realidade. Pois, as mulheres esperam uma atitude masculina que, desde o século XVIII, foi atribuída somente a elas.

A sequência também reforça o discurso de que as mulheres que recebem ajuda dos maridos dentro de casa são sortudas, portanto, não tratando as atividades domésticas como obrigação do casal. Por isso, trazendo à tona o discurso machista de que a mulher é submissa ao homem e inferior ao mesmo por conta de sua própria natureza biológica.

> Não se trata de ensinar os homens a auxiliarem a mulher no cuidado com os filhos e a casa, pois sempre que a atividade de alguém se

> configurar como ajuda, a responsabilidade é do outro. Trate-se de partilhar a vida doméstica, assim como o lazer e as atividades garantidoras do sustento da família. Nada mais injusto do que tentar disfarçar a dominação dos homens sobre as mulheres através da "ajuda" que os primeiros podem oferecer às últimas (Saffioti, 1987, p. 15).

Ao mesmo passo, o trecho final da SD8 "mães que não esperam equidade" dá força a o discurso de que as mulheres compensam a falta do marido na educação dos filhos com outros setores da vida conjugal, por exemplo, nos momentos de lazer e de sustentação financeira do lar. "Existirá sempre um certo número de mulheres que, embora dominadas por homens, sentir-se-ão recompensadas através de seus privilégios de classe" (Saffioti, 1987, p. 87).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que o modelo de jornalismo segmentado feminino e feminista tenha passado por ressignificações discursivas durante os anos e tente mostrar que as mulheres possuem funções fora do lar, como no caso das matérias analisadas que tratam sobre mães que levam uma jornada dupla, os discursos produzem efeitos de sentido semelhantes, pois estão atravessados pelos discursos machista e patriarcal, consolidado especialmente nos séculos XVIII e XIX. Por isso, apesar dos esforços da sociedade, mais precisamente das mulheres, e das ressignificações da atualidade, ainda não há uma ruptura plena em razão do assujeitamento ideológico inconsciente.

Portanto, as matérias analisadas buscam levantar a bandeira do feminismo, de que as mulheres são capazes de trabalhar fora e trazer sustento para o lar, assim como, fisiologicamente sentem cansaço, tal como os homens. Porém, inconscientemente, acabam repetindo os discursos do passado. Por exemplo, na última sequência discursiva analisada, é dito que as mulheres não esperam participação dos maridos na criação dos filhos. Isso ocorre, porque o modelo de sociedade em que elas estão inseridas diz que é assim que deve ser: a mulher cuida dos filhos e o homem do sustento da casa.

A conhecida frase de Simone de Beauvoir "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher", pode se encaixar perfeitamente para explicar uma sociedade que, embora tenha liberado às mulheres o direito de estudar as mesmas coisas que os homens – e não mais aprender a bordar e ser uma boa mãe –, ainda ensina os filhos dentro de casa que as funções domésticas são de responsabilidade das primeiras, pois, elas possuem a delicadeza necessária para cuidar do lar. Ainda que não seja verbalizado, o discurso não-verbal também fala, porque, uma criança, ao ver a mãe cuidando da casa e o pai saindo para trabalhar, entenderá que essa é a ordem natural das coisas e irá reproduzir o discurso.

Em algumas das sequências discursivas analisadas é possível observar o discurso feminista, especialmente aquele que ganhou força no Brasil entre os anos 1940 e 1950, em que as mulheres buscavam liberdades individuais e igualdade de gênero, quando os veículos de jornalismo segmentado citam mulheres que trabalham e que também são propensas a sentir frustração e esgotamento físico e mental.

Novamente citando Beauvoir, as mulheres são "herdeiras de um pesado passado" e "se esforçam por forjar um futuro", embora a obra tenha sido escrita em 1949, ambas as frases ainda são muito atuais ao considerarmos o atual (antigo) discurso da sociedade. Isso mostra que não somente o jornalismo feminino, como a sociedade como um todo tem muitos anos pela frente para romper com o discurso

europeu patriarcal, enraizado desde o século XVIII, pois, enquanto o sujeito mulher for fadado a nascer, casar, procriar e cuidar da vida doméstica, o discurso não evoluirá.

Não basta apenas o feminismo levantar bandeiras de que as mulheres são donas do próprio corpo e que têm direito de escolha entre a carreira profissional ou a maternidade, assim como receber salários iguais aos dos homens, pois essa luta existe desde o século XIX. Também não é o suficiente somente autoras mulheres escreverem sobre o tema, é necessário que a sociedade como um todo ressignifique o discurso disseminado sobre as posições do sujeito mulher e do sujeito homem, começando pelo jornalismo feminino e feminista.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen da Silva. Jornalismo Feminino e Jornalismo Feminista: Aproximações e Distanciamento. **Vozes e Diálogo**, v. 14, n. 02, 2016.

BARION, Isabel et al. A educação das mulheres no século XIX: A contribuição de Nísia Floresta. **Educere XIII Congresso Nacional de Educação**, 2017, p. 17.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo:** a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal.** *Texto por Sociedade Bíblica do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. **O portal dos Psicólogos**, v. 185, p. 1-12, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Cristiane_Feil/publication/303208368_O_PAPEL_DA_MULHER_NO_CONTEXTO_FAMILIAR_UMA_BREVE_REFLEXAO/links/5738f27308ae9f741b2bde8f/O-PAPEL-DA-MULHER-NO-CONTEXTO-FAMILIAR-UMA-BREVE-REFLEXAO.pdf>. Acesso em: 07 de jun. de 2022.

CASAROTTO, Camila. **Dossiê das gerações:** o que são as gerações Millennials, GenZ, Alpha e como sua marca pode alcançá-las. RocketContent, 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/dossie-das-geracoes/>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

DAMASCENO, Victória. Educação de filhos em casa tende a ser mais uma tarefa não remunerada para as mulheres. **Revista AzMina**, 2019. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/educacao-de-filhos-em-casa-tende-a-ser-mais-uma-tarefa-nao-remunerada-para-as-mulheres/>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

FERNANDES, Alessandra Lemos. **Jornalismo:** especialização e segmentação [livro eletrônico]/. 1ª ed. Curitiba: InterSaberes, 2017.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LEITE, Tayná. Coronavírus mostra que trabalhar de casa com filhos não é um sonho. **Revista AzMina**, 2020. Disponível em: <https://azmina.com.br/colunas /coronavirus-mostra-que-trabalhar-de-casa-com-filhos-nao-e-um-sonho/>. Acesso em: 23 de maio de 2022.

MAZZARDO, Luciane de Freitas. O feminino em (dis)curso: O processo de ressignificação das relações de gênero no âmbito familiar. **9ª Jornada de Pesquisa e 8ª Jornada de Extensão do Curso de Direito da FAMES**. 2020.Disponível em: <http://metodistacentenario.com.br/jornada-de-direito/anais/9a-jornada-de-pesquisa-e-8a-jornada-em-extensao-do-curso-de-direito/artigos/o-direito-civil-no-seculo-xxi/e2-03.pdf/view>. Acesso em: 07 de jun. de 2022.

MEDONÇA, ANA. **Coronavírus:** qual é a diferença entre isolamento e quarentena. 13 de abr. de 2020. Disponível em:<https://www.em.com.br/app/noticia/nacional /2020/03/13/interna_nacional,1128662/coronavirus-qual-e-a-diferenca-entre-isolamento-e-quarentena.shtml>. Acesso em: 08 de jun. de 2022.

OST, Stelamaris. Mulher e mercado de trabalho. **Âmbito Jurídico**. 2009. Disponível em: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-64/mulher-e-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 22 de maio de 2022.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Orlandi. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

REIS, Mônica de Cássia Thomaz Perez et al. EMPODERAMENTO FEMININO EVOLUÇÃO DO SEC. XIX ATÉ A ATUALIDADE. **Revista Eletrônica SapereAude**, v. 1, n. 1, p. 26-44, 2019.Disponível em: <http://revistaeletronicasapereaude. emnuvens.com.br/sapere/article/view/40>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2ª ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho**. 11ª ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SOUZA, Pedro de. **Análise do discurso**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. p. 13-94.

VOGUE, Redação. “Oi mães, tá cansativo né?”: Fernanda Rodrigues desabafa em post sobre a maternidade durante quarentena. **VOGUE**. 07 de abr. de 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridade/noticia/2020/04/oi-maes-ta-cansativo-ne-fernanda-rodrigues-desabafa-em-post-sobre-maternidade-durante-quarentena.html>. Acesso em: 23 de maio de 2022.